

Dossier:

**'Virgen' y 'virginidad' en las lenguas
amerindias de la América Latina colonial.**

**Un estudio de su terminología y traducción
en diccionarios y textos de los siglos XVI-XVIII**

**'Virgin' and 'Virginity' in the Amerindian
Languages of Colonial Latin America.**

**A Study of Their Terminology and Translation
in Dictionaries and Texts from the 16th to 18th centuries**

(coordinación: Roxana Sarion)



Representações jesuíticas em tupi do corpo ‘virgem’ de Maria em textos catequéticos do século XVI

Jesuit Representations in Tupi of the ‘Virgin’ Body of Mary in Sixteenth-Century Catechetical Texts

Ruth Monserrat

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Brasil

<https://orcid.org/0000-0003-3292-4980>

ruth.monserrat@gmail.com

Cândida Barros

Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), Belém, Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-0786-2143>

mcandida.barros@gmail.com

Resumo: O trabalho descreve de que maneira o corpo de Maria – uma *cunhã* ‘mulher’ – é representado como ‘virgem’ em um conjunto de textos jesuíticos de evangelização em tupi do século XVI. Rastreia os recursos lexicais usados para representar um corpo ‘virgem’ numa cultura cuja cosmologia não considerava relevante esse atributo corporal. Os resultados apontaram que as decisões sobre como tratar o tema em tupi variavam segundo o gênero catequético. Na oração do Credo e num dos Artigos da Fé, os missionários não traduziram ‘virgem’ para o tupi, conservando o termo em português, opaco semanticamente para o catecúmeno, porém na pregação e na lírica, fizeram uso de variadas alternativas lexicais em tupi para representar um corpo ‘virgem’ antes, durante e depois do parto.

Palavras chave: tupi; virgindade; jesuítas; José de Anchieta; catecismo; evangelização; Credo; século XVI.

Abstract: In this article, we study how the body of St. Mary – a *cunhã* ‘woman’ – is presented as a ‘virgin’ in several sixteenth-century Tupi texts produced by the Jesuits for conversion purposes. We analyse the lexical resources used to describe a ‘virginal’ body in a culture whose cosmology did not consider this a relevant characteristic. The results indicate that decisions about how to treat the topic of virginity in Tupi varied according to the catechetical genre. In the Creed and in one of the Articles of Faith, the missionaries did not translate ‘virgin’ into Tupi, but instead employed the Portuguese loanword which would not be comprehensible to the indigenous converts. However, in their sermons and poetic texts they used several lexical alternatives in Tupi to refer to St. Mary’s ‘virginal’ body before, during, and after childbirth.

Keywords: Tupi; virginity; Jesuits; José de Anchieta; catechism; conversion; Creed; 16th century.

Recebido: 28 de maio de 2025; Aceito: 11 de julho de 2025



INDIANA 42.2 (2025): 85-111

ISSN 0341-8642, DOI 10.18441/ind.v42i2.85-111

© Ibero-Amerikanisches Institut, Stiftung Preußischer Kulturbesitz

Introducción

Como mostram os trabalhos deste dossier, a virgindade é tema recorrente e plural nos catecismos em línguas indígenas.¹ Neles a virgindade está presente nas orações, listas de preceitos, diálogos de doutrina, confessionários e lírica, porém de formas distintas. Pode se referir a atributos espirituais (*castitas*) e/ou corporais (*virginitas*) (Kelly 2000, 1). Pode ainda estar se referindo à virgindade das mulheres em geral, como no confessionário, ou apenas à de Maria, como nas orações Salve Rainha e Ave Maria.

Em Salve Rainha, predominam os atributos espirituais de Maria (doçura, clemência, misericórdia etc.)² A noção de *castitas*, aplicada a Maria, foi traduzida em tupi por *angaturama* (sombra/alma boa) e *poranga* (bonita). O Credo, por outro lado, trata a virgindade de Maria no plano corporal, ao se referir ao nascimento de Jesus.

Não encontramos nas nossas leituras das fontes coloniais sobre os grupos tupi nada que revelasse importância da noção de um corpo feminino ‘virgem’ para a cosmologia tupi. Mas na cosmologia cristã o tema da virgindade de Maria é parte da argumentação de que Jesus é humano e divino, tema da encarnação de Jesus, como aponta o trabalho de Severin Parzinger (pp. 15-37) neste dossier (Parzinger 2025). Esse tópico teológico é reiterado em três gêneros textuais de um catecismo: no Credo, no segundo Artigo da Fé da humanidade de Jesus e no Diálogo de doutrina. Na oração do Credo em português o tema da virgindade é apresentado de forma sintética (“nasceu de Maria virgem”; Jorge 1566, 16v); no Artigo da Fé da humanidade de Jesus, virgem se torna predicado (“ficando ela sempre virgem”; Jorge 1566, 20v) e nos capítulos dos diálogos de pergunta e resposta, o tema é explicado por meio de turnos de pergunta e resposta entre mestre e discípulos (Jorge 1566, 23).

Vamos nos ater neste trabalho à virgindade corporal nas fontes quinhentistas jesuíticas. Por ser a definição de um corpo ‘virgem’ uma noção plural, inextricavelmente ligada à cultura e à história (Kelly 2000, 2), manteremos o termo ‘virgem’ escrito entre aspas.

Objetivos

A proposta é mostrar as experimentações lexicais na forma de abordar o tema da virgindade de Maria nas fontes tupi quinhentistas, e as supressões ocorridas a partir da impressão do catecismo de Antônio Araújo (1952 [1618]). O trabalho levanta o vocabulário usado pelos jesuítas no século XVI para orar, pregar, explicar e cantar o corpo ‘virgem’ de Maria antes, durante e depois do parto. O léxico (tupi e português) inventariado é aquele interpretado como tendo referência corporal (sangue, barriga, parto etc.).

1 O estudo do tema de virgindade foi possível graças às contribuições e ensinamentos dos colegas do ‘Tertúlia’ ao longo de 2024. Agradecemos a todo o grupo, em particular as leituras de Cristina Monzón e Sabine Dedenbach-Salazar Sáenz. A Graciela Chamorro somos gratas por informações relativas ao guarani, bem como ao parecerista anônimo pela leitura atenta e qualificada do texto.

2 Ver trabalhos de Dedenbach-Salazar Sáenz (2025), Monzón (2025), Parzinger (2025a y b) e Sarion (2025) sobre Salve Rainha neste dossier.

O corpus tupi comparado é constituído por excertos de seis gêneros catequéticos sobre a virgindade (Credo, Artigo da fé, diálogo de doutrina, lírica, pregação e confessional). Os confessionários foram agregados ao estudo para observar se houve diferenças entre o léxico usado para representar a virgindade de Maria e aquele empregado para as mulheres comuns, no capítulo sobre o sexto mandamento, contra a luxúria (Anchieta 1992b; Araújo 1952 [1618]).³

Um vocabulário português-tupi, escrito entre 1621 e 1622 em Piratininga (São Paulo) (doravante *Vocabulário* de 1622, editado por Ayrosa 1938) é a base para a tradução das fontes usadas na nossa análise. Esse vocabulário permite observar práticas culturais (fora do contexto catequético) associadas ao léxico usado na tradução pelos missionários.

A unidade de análise é a raiz lexical, identificada com base em dicionários coevos, e principalmente, através da maneira por que são apresentadas as sinonímias e antinomias contidas nos verbetes, ou ainda ampliação ou especialização de sentidos.

Roteiro do trabalho:

- a) Levantamento de características culturais do léxico tupi relativos à concepção (*monháng*), ao parto (*membyrá* / *ar çui*) e à gravidez (*puruá*) com base no livro de Florestan Fernandes *A organização social dos tupinambá* (1989) e no *Vocabulário* de 1622 (Ayrosa 1938). O interesse por esses vocábulos é porque eles foram usados na tradução do tema da Encarnação de Jesus nas fontes tupi.
- b) Apresentação de três catecismos jesuíticos que fazem parte do principal corpus da análise (Anônimo ant. 1591; Anchieta, século XVI, 1992a; Araújo 1952 [1618]). Eles mostram através de recorrentes repetições o controle exercido pela Ordem sobre os textos da evangelização.
- c) Comparação de excertos relativos ao tópico da virgindade em seis gêneros catequéticos sobre a virgindade (Credo, Artigo da Fé, Diálogo de Doutrina, lírica, pregação e confessional).

As traduções dos textos são de Ruth Monserrat (doravante RM) e de Armando Cardoso (AC), editor da obra tupi de Anchieta. Sempre que possível, usamos a transcrição conservadora dos textos. Os itálicos, negritos e colchetes são inserções das autoras. Negritos foram usados para distinguir raízes ou enfatizar trechos em citações, itálicos para termos e construções em tupi. As interlinearizações foram incluídas nas notas de rodapé.⁴

3 Ver trabalho de Dedenbach-Salazar Sáenz (2025) neste dossier sobre o uso diferenciado em quechua de virgindade no confessional e nas orações.

4 Abreviaturas usadas na interlinearização: 1ª 'primeira pessoa singular' / 2ª 'segunda pessoa singular' / 3 'terceira pessoa' / caus 'prefixo causativo' / circuns 'circunstancial' / dimin 'diminutivo' / enfat 'enfático' / fut 'futuro' / ger 'gerúndio' / interr 'interrogativo' / loc 'locativo' / neg 'negação' / nom.obj 'nome de objeto' / nomin 'sufixo nominal' / obj 'objeto' / pass 'passado' / predic 'predicativo' / pref.classe 'prefixo de classe' / reflex 'prefixo reflexivo' / relat 'prefixo relacional' / subj 'subjuntivo' / suj 'sujeito'.

- d) Levantamento do vocabulário tupi e português usado nos excertos analisados, chamando atenção para características discursivas presentes em seu uso, como o eufemismo.

No estágio atual da análise, alteramos a tradução que demos anteriormente a *ababyagoereyma*⁵ (Barros e Monserrat 2019a), expressão oficializada para traduzir ‘virgem’ quando se refere a Maria.

Características culturais e lexicais tupi relativas à concepção, ao parto e à gravidez

Entre os termos tupi usados nos catecismos do século XVI como referência ao nascimento de Jesus e ao parto de Maria estão *monháng* (gerar, acepção básica ‘fazer’), *ar çuí* ‘cair de’ (nascer), *membyr-ar* ‘filho-cair’ (parto), *puruá* (gravidez) e *tygué* (ventre).

Citamos abaixo algumas práticas relativas à concepção, parto e gravidez de mulheres tupi recolhidas no livro *Organização Social dos Tupinambá* de Florestan Fernandes (1989) e no *Vocabulário* de 1622 (Ayrosa 1938).

monháng (‘gerar’)

Segundo as fontes coloniais, na cultura tupi-guarani, as mulheres não tinham um papel ativo na concepção da criança, apenas os homens, como registraram o colono Gabriel Soares de Souza e o jesuíta José de Anchieta, ambos do século XVI (Fernandes 1989, 170). Gabriel Soares de Souza, no seu “Tratado sobre o Brasil”, observava que as mães “não põem de sua parte mais que terem guardado a semente no ventre, onde se cria a criança” (Souza 1938 [1587], 370, em Fernandes 1989, 170). José de Anchieta menciona que a mulher tinha o papel de ‘saco’ na concepção (“porque têm para si o parentesco verdadeiro vem pela parte dos pais, que são os agentes; e que as mães não são mais do que sacos”; Anchieta 1933, 452).

No *Vocabulário* de 1622 (Ayrosa 1938), a raiz tupi relativa à concepção/gestação é *monháng*. Trata-se de um verbo de amplo uso, que abarca os sentidos de fazer, forjar, fabricar, criar e também gerar (“Gerar. – *Aimonhang*. act.[activo] *Aporomonhang*. Neut [neutro]”⁶; Ayrosa 1938, 249). Essas glosas foram retiradas da gramática de Anchieta de 1595 (1990, 49v), na seção sobre verbos ‘activos’ (isto é, quando o sujeito gramatical é também o sujeito da ação). Anchieta acrescenta que apenas a voz masculina (“pertencentes a homens somente”) poderia enunciar como agente:

[...] interposto, *porô*, & ficão absolutos **pertencentes a homens somente** de modo que, *poro* fique por acusativo humano, vt. *Aimonhang*, *faço*, **Aporomonhang**, **faço** **homens**, **i. generare** (Anchieta 1990, 49v).

5 Essa expressão foi escrita de diferentes formas no corpus. Manteremos a grafia *ababyagoereyma* como forma de referi-la ao longo do trabalho.

6 [*a-i-monháng*] 1ºsuj-3ºobj-fazer ‘eu faço’; [*a-poro-monháng*] 1ºsuj-gente-fazer ‘eu gero gente’.

membyrá e ar çui ‘(parir)’

No *Vocabulário* de 1622, *ar* é a raiz de ‘cair’ em sentido genérico intransitivo (“Cair como quer. – *Aar*”; Ayrosa 1938, 139).⁷ Quando *ar* ocorre com a regência çui significa nascer (“Nascer de femea. – *aar*: çui”; Ayrosa 1938, 305).

Membyra,⁸ na lista de termos de parentesco do catecismo de Araújo, tem como glosa “Filha, ou filho natural **da femea somente**, vt *xemembira*” (Araújo 1952 [1618], 114r), enquanto para o homem há outros dois termos: *ayra* ‘filho’, *ajýra* ‘filha’.

Um relato de parto indígena feito pelo capuchinho francês Yves d’Evreux (1874 [1615]), no Maranhão, registra fragmentos de fala de uma parturiente anunciando o momento de dar luz (*chemenbuirare kuritim*) e a divulgação da notícia do parto (*ymen-burare*):

Chegado o tempo do parto, si assim se pode chamar, não procura para esse fim a cama, si as dores não são fortes: em qualquer dos casos senta-se, e rodeada por suas vizinhas convidadas para assisti-las, pouco antes do aparecimento das dores, por meio d’estas palavra **chemenbuirare kuritim** “eu vou parir, estou quase a parir”, corre veloz o boato de casa em casa, que tal mulher vai parir dizendo com o nome próprio da parturiente estas palavras **ymen-burare**, que significa tal mulher pario, ou está para parir (Evreux 1874 [1615], 81).

*Chemenbuirare-kuritim*⁹ e *ymen-burar*¹⁰ são ambos formados pelas raízes *membyr* e *ar*.

puruá ‘(gravidez)’

Os termos relativos à gravidez são construídos com a raiz *puruá*,¹¹ como nos verbetes abaixo do *Vocabulário* de 1622

Prenhe ser, ou estar. – *Xepuruá*¹² (Ayrosa 1938, 352)

Emprenhar. act. – *Aimomburuá*¹³ (Ayrosa 1938, 203)

Há também *puruã* como glosa de umbigo. Tratamos *puruá* e *puruã* como dois termos distintos.

tygué/ rygué ‘barriga’, o ‘interior’ (raiz yé)

Tygué / *rygué* corresponde à barriga, ventre, tripa no *Vocabulário* de 1622 (Ayrosa 1938). Esse termo se distingue de dois outros, um, mais específico, para a parte de baixo do umbigo (*igbigoa*) e outro para a virilha, (*també*), não usados em referência a Maria:

7 Os verbetes dos dicionários jesuíticos registram as glosas verbais sempre na primeira pessoa singular (*a-* e *xe-*).

8 [*membyr-ár*] filho cair ‘parir’.

9 [*xe membyr-ár-a kuritei*] eu filho-cair logo ‘eu parida logo’. No texto se traduz como verbo ‘ela vai parir’, mas a forma é substantiva, não verbal.

10 [*i-membyr-ár-a*] 3-filho-cair-nomin ‘ela está parida’.

11 No trabalho, não registramos graficamente a oclusiva glotal – como em *puru’a*, embora saibamos de sua presença na fonologia da língua, devido ao fato de não haver (re)conhecimento consistente dela em nenhum dos autores de textos ou dicionários tupi da época colonial.

12 [*xe puruá*] eu prenhe ‘estou prenhe’.

13 [*a-i-mo-puruá*] 1^asuj-3^oobj-caus-prenhe ‘eu a torno prenhe’.

Barriga só a parte dela do imbigio para baixo. – *Igbigoa*. Doutra parte quanto diz de uerillha, chama-se *Tambê*, L [ou], *cambe* (Ayrosa 1938, 125).

Em um vocabulário de partes do corpo com mais de duzentas entradas, há três construções tupi possíveis para traduzir útero (“Matrix in foeminis *membínhemonhangaba* / *pitánhemonhangaba* / *pitangurú*, L [ou] *Acaia*”;¹⁴ Pero de Castilho 1613, em Ayrosa 1937, 50), mas nenhuma delas foi empregada nos textos cristãos sobre Maria. *Tyguel rigué*¹⁵ é a raiz usada sempre nos textos catequéticos para se referir ao corpo de Maria como receptáculo de Jesus.

Três catecismos tupi (ant. 1591-1618)

A trajetória da tradução da virgindade de Maria nos textos pastorais em tupi é aqui estudada a partir de três catecismos jesuíticos. Suas datas cobrem desde o período anterior a 1591 até 1618. Um desses catecismos é o manuscrito “Doutrina christaã na linguaõ brasilica” (Anônimo ant. 1591). O ano de 1591 se refere não à data em que ele foi composto, mas ao ano em que foi roubado do colégio jesuítico de Santos por corsários ingleses, durante uma invasão àquela vila. O fato dele estar disponível para cópias em uma biblioteca jesuítica indica que se tratava de uma versão autorizada.

O segundo catecismo, identificado como sendo de José de Anchieta (1534-1597), foi editado por Armando Cardoso (Anchieta 1992a). O documento repete maiormente os textos do catecismo roubado do Colégio de Santos (ant. 1591). Anchieta chegou ao Brasil em 1553, tendo permanecido na Capitania de São Paulo – a mesma onde se localizava o Colégio de Santos – por mais de dez anos, em contato com um grupo de colonos admitidos na Ordem em São Paulo por saberem tupi, ainda que não tivessem conhecimento de latim. A convivência de Anchieta com esses ‘línguas’ iletrados, acrescida por seu bom conhecimento de latim, facilitou-lhe a feitura de uma gramática tupi, que foi impressa em 1595 (1990). Temos várias obras referidas como sendo de autoria de Anchieta, abarcando teatro (1977), lírica (1984) e textos pastorais (1988; 1992a; 1992b).

Conhecemos o catecismo de Anchieta por duas cópias do século XVIII, enviadas de Portugal para o Arquivo da Postulação Geral e o Arquivo Romano, ambos da Companhia de Jesus, na época do pedido de beatificação deste jesuíta.

A terceira fonte é o *Catecismo na língua brasilica* de Antonio Araújo (1952 [1618]). Foi o primeiro catecismo em tupi impresso pelos jesuítas. Araújo entrou na Ordem na

14 [*memby-nhe-monhang-aba*] ‘local onde se faz filho’; [*pitang-nhe-monhang-aba*] ‘local onde se faz a criança’; [*pitang-urú*] ‘receptáculo da criança’; *acaiá* ‘cajá’ [uma fruta]; ‘útero’.

15 Sobre os prefixos *t*, *r*, *s*: o *t-* indica uma terceira pessoa indeterminada, por isso muitas vezes é chamado de forma absoluta ou genérica (*t-ygué* ‘ventre de alguém indeterminado’, ‘ventre em geral’); *s-* indica uma terceira pessoa determinada (*s-ygué* ‘ventre dele’); *r-* relaciona numa expressão dois termos como determinante e determinado (*xe r-ygué* ‘meu ventre’, *cunhã r-ygué* ‘ventre de mulher’).

colônia em 1582. Em 1598, ele era definido como ‘bom’ em latim, mas com domínio mediano em tupi segundo o catálogo jesuítico daquele ano (Castelnau L’Estoile 2000, 548, 1ª folha do encarte). Em 1618, Araújo já é reconhecido como ‘língua’ e teólogo pelo Padre Geral Mucio Vitelleschi na licença para impressão do catecismo. Nesse momento, Araújo tinha 36 anos na instituição. O perfil de ‘língua’ foi se consolidando ao longo de sua carreira na Ordem.

Sua trajetória como missionário ‘língua’ se deu no período em que o texto tupi pastoral já estava cristalizado na Ordem. O mesmo Padre Geral, na sua licença de impressão, reitera que o catecismo e sua suma da doutrina cristã tinham sido “feitos **ha anos** por Padres doctos, & bons lingoas da Companhia de Jesus”, atribuindo ao padre Araújo a responsabilidade de concertar e reordenar aqueles textos pastorais (Vitellechi, em Araújo 1952 [1618], s.p.; Destacado pelas autoras).

A versão do catecismo de 1618 foi reeditada em 1686 (Araújo e Leam 1686), tendo se mantido em circulação nas missões da Amazônia até a expulsão dos jesuítas no século XVIII, como se pode observar pelos muitos verbetes dos dicionários setecentistas (Anônimo 1756, em Muller *et al.* 2019; Anônimo 1757) que lhe fazem referência.

A repetição textual dos três catecismos encontra-se nas orações, listas de preceitos e diálogos. Tal padronização foi resultado da política de longa duração por parte da hierarquia da Ordem (superiores, provinciais, e padres gerais) de controle sobre o texto em tupi usado na evangelização. É a essa repetição textual *verbatim* que nos referimos quando definimos a formação de uma tradição discursiva oficializada e mantida pela hierarquia da Ordem.

Esses textos pastorais repetitivos em tupi mostram, contudo, que alguns conceitos cristãos não se cristalizaram. Exemplos dessa inconstância são encontrados na tradução de ‘cruz’, ‘ano’, ‘pessoa’ (no contexto da Santíssima Trindade) e ‘virgindade’ (Barros e Monserrat 2019a). Aqui propomos um estudo das diferentes formas usadas para traduzir a ideia da virgindade de Maria numa fase em que grande parte do texto pastoral jesuítico já estava padronizado.

Além desses três catecismos, a análise inclui uma versão mais antiga do Credo em tupi, impressa pelo cosmógrafo francês André Thevet (1575). O texto guarda marcas de ter como origem autoral jesuítas portugueses (Monserrat e Barros 2020).

Excertos relativos à virgindade em seis gêneros pastorais em tupi

Os trechos a seguir foram retirados de seis gêneros textuais jesuítos em tupi entre a segunda metade do século XVI e a primeira metade do século XVII. A seleção desses excertos foi feita a partir do ponto de vista missionário de que há um mesmo tema teológico neles, a virgindade de Maria como parte da argumentação de que Jesus é tanto humano como divino (ver Parzinger nesse dossier). Não há evidência de que, na recepção, os indígenas compartilhassem essa unidade teológica/textual. Quanto o confessionalário, como já foi dito, foi inserido para observar se há formas diferentes para traduzir a virgindade de Maria e a de outras mulheres.

Credo	André Thevet (1575, 925/1586, 253) Anônimo (ant. 1591, 2-2v) Anchieta (1992a, 2-2v / 141-142) Araújo (1952 [1618], 14v-15v)
Segundo Artigo de Fé da humanidade de Jesus	Anônimo (ant. 1591, 2v-3v) Anchieta (1992a, 6-6v / 149-150) Araújo (1952 [1618], 15v-16v)
Diálogo da doutrina	Anônimo (ant. 1591, 14 ¹⁶ (11 turnos de pergunta e resposta)) Anchieta (1992a, “Da Encarnação do Filho de Deus”, f 12-13/ 164-166 (13 turnos)) Araújo (1952 [1618], “Do altissimo Misterio da Encarnação”, 42-42r (13 turnos))
Lírica	Anchieta (1984) Araújo (1952 [1618], s.p.)
Pregação	<i>Breve Instrução das Coisas da fé</i> (Anchieta 1992a, 192-196)
Confessionários: Sexto mandamento da lei de Deus	Anchieta (1992b, 89-98) Araújo (1952 [1618], 103v-106v)

Tabela 1. Corpus tupi da pesquisa.

Os excertos correspondem a gêneros textuais em diferentes condições pragmáticas e tradições literárias, referindo-se a diferentes atos comunicativos na evangelização (Dedenbach-Salazar Sáenz 1994, 157). As condições pragmáticas são assinaladas pelos pronomes dêiticos e pelos atos de fala. As condições literárias são aquelas às quais os textos pastorais se vinculam na tradição católica, recebendo diferentes denominações em português (Credo, Artigos da Fé etc...).

- O Credo se inicia pelo verbo ‘crer’ na primeira pessoa singular (*arobialarobiar* acredito, creio). Essa oração, estruturada em 12 proposições, contém a síntese da cosmologia cristã. A virgindade de Maria comparece na terceira proposição, que trata conjuntamente da concepção de Jesus pelo Espírito Santo e do seu nascimento através do corpo de Maria (“O qual foy concebido do Spirito Sancto, Naceo de Maria virgem”; Jorge 1566, 16v).
- Os Artigos da Fé também começam pela enunciação em primeira pessoa singular do verbo crer (*arobiar*). O texto é dividido em 14 proposições, repartidas em dois grupos de sete – a divindade de Jesus e a sua humanidade. Nesse gênero, a virgindade de Maria está no Segundo Artigo de Fé da humanidade de Jesus.
- Nos Diálogos de doutrina, o tema da virgindade de Maria faz parte do capítulo sobre a encarnação de Jesus. Esse gênero tinha para os missionários a função comunicativa

16 Não contém um capítulo específico para o tema da encarnação.

de explicação (“explicação os Dialogos”; Araújo e Leam 1686, iij). Não há pronomes de primeira ou segunda pessoa nas sequências de turnos de perguntas e respostas entre o mestre que pergunta e o discípulo que responde sobre o tema. O tema da virgindade é tratado em terceira pessoa. Nas perguntas, o indígena deveria responder com um texto previamente formulado, oficializado e autorizado pela Ordem.

- A *Lírica de Anchieta* foi escrita para ser cantada/dançada por um grupo de indígenas nos momentos de recepção de autoridades jesuíticas e durante festas religiosas. O texto era governado por escolhas do léxico que atendiam não apenas ao acerto do seu conteúdo semântico, mas também às necessidades prosódicas do número de sílabas, da tonicidade e das rimas. O significante era tão importante quanto o significado. Em relação aos pronomes dêiticos, Maria podia aparecer como destinatária da enunciação – através do uso de segunda pessoa singular – ou vir referida em terceira pessoa. Como veremos, é o gênero com maior variedade de léxicos e dêiticos para representar a virgindade.
- Pregação: *Breve Instrução das coisas da fé* (Anchieta 1992a) é um diálogo enunciado por um pai/padre que se dirige ao destinatário por formas vocativas (*xe rayrigué* pag. 193, 'oh meu filho', na voz de um homem). Ocasionalmente, o mestre se dirige diretamente em segunda pessoa singular ao interlocutor, que então responde. Um dos traços da pregação em *Breve Instrução* é o uso de paralelismos/repetições no início de enunciado (*ndeitee* 'por isso'[AC]), diferentemente da Lírica de Anchieta, na qual é o final do enunciado que constrói paralelismos através das rimas.
- O confessorário é um gênero elaborado por meio de uma série de perguntas do confessor ao penitente indígena sobre cada um dos dez mandamentos da lei de Deus. Nesse caso, o missionário pedia uma informação sobre a vida do penitente. As perguntas privilegiavam respostas com sim ou não.

Devido às condições comunicativas distintas dos seis gêneros pastorais, vamos comparar inicialmente as traduções relacionadas à virgindade propostas no interior de cada gênero textual, para só então inventariar o repertório de formas lexicais usadas.

Nas tabelas privilegiamos a transcrição diplomática de caráter conservador, sempre que possível. No corpo do trabalho e nas interlinearizações linguísticas das notas de rodapé houve a uniformização gráfica dos dados. Negritos e itálicos foram acrescentados aos textos. As traduções para o português são de Armando Cardoso e/ou de Ruth Monserrat.

Tomamos como referência histórica portuguesa dos textos estudados o catecismo do jesuíta Marcos Jorge *Doctrina Christã. ordenada a maneira de Diálogos, pera ensinar os mininos* (1ª edição 1566). Em 1574, ele foi traduzido para o tupi (Anônimo 1897, 117). Na sequência apresentamos os excertos analisados.

Credo (“nasceu de Maria virgem”; Jorge 1566, 16v)

O índio batizado e o missionário deveriam conhecer a oração do Credo traduzido para o tupi. O indígena aprendia por memorização, enquanto o missionário aprendia pela versão escrita oficializada pela Ordem. Ambos deveriam manter *verbatim* o texto.

A versão mais antiga da oração do Credo em tupi que se conhece é a que foi imprimida pelo cosmógrafo francês André Thevet em 1575 e depois reproduzida em um manuscrito de 1586. Thevet esteve no Rio de Janeiro em 1555, durante a presença francesa na região. Os empréstimos do português, tais como Maria e Spirito Santos [sic] são indícios de que ela tinha sido composta por jesuítas portugueses (Boidin, Barros e Monserrat 2024).

Entre os quatro excertos do Credo, chama atenção uma diferença da versão de 1575 em relação às demais – a opção pelo verbo ‘sair’/sem em referência ao nascimento de Jesus: ele ‘saiu’ (sem çui) de Maria (aëosen Maria Vurgon suy¹⁷), em lugar de ‘cair’ (ar çui) de Maria. Se ambos os verbos podem ser compreendidos como expressão viável para ‘nascer’ – ‘saiu’ de Maria ou ‘caiu’ de Maria –, somente ar configura uma situação clara de parto, enquanto que ela é imprecisa quando o verbo é sem.

O empréstimo português ‘virgem’ foi mantido em três das quatro versões do Credo (Thevet 1575; Anônimo ant. 1591; Anchieta 1992a). O termo português associado ao nome Maria (Maria Uirgê) era opaco semanticamente para os falantes da língua, além de não ser clara do ponto de vista sintático sua condição de atributo, pois podia ser interpretado como parte do nome próprio de Maria.

O empréstimo ‘virgem’ foi suprimido no Credo do catecismo de Araújo (1952 [1618]), sendo substituído pela construção *ababyagoereyma* (‘não tocada por homem’).

Araújo manteve o empréstimo português ‘virgem’ apenas como parte do nome próprio de Maria (‘Santa virgem Maria’ e ‘virgem Maria’). A versão do Credo de Araújo 1952 [1618]) foi a que circulou oficialmente até a expulsão dos jesuítas na segunda metade do século XVIII (Anônimo 1751, 75v; 1757, 103v).

Thevet (1575)	Anônimo (ant. 1591)	Anchieta (1992a)	Araújo (1952 [1618])
aëosen Maria Vurgon suy,	oar Maria Uirgê Çui (2) ¹⁸	Aébae oar Maria Virgem çuy (2)	Ae bae oár Maria ababi cagoereima çui. (15v) ¹⁹
[Que] saiu de Maria Virgem (RM)	[Que] ele nasceu de Maria virgem	[Que] ele nasceu de Maria Virgem (AC)	[Que] ele nasceu de Maria sem toque de homem (RM)

Tabela 2. Excertos do Credo em tupi, séculos XVI-XVII.

17 [aé o-sém Maria virgem çui] ele 3ªsuj-sair Maria virgem de ‘ele saiu de Maria virgem’.
18 [ae baé o-ár Maria virgem çui] ele que 3ªsuj-cair/nascer Maria virgem de.
19 [ae baé o-ár Maria abá-byç-agoér-eym-a çui] ele que 3ªsuj-cair/nascer Maria homem-tocar-pass-neg. nomin de.

Segundo Artigo da fé da humanidade de Cristo (“ficando ela sempre virgem”; Jorge 1566, 20v)

O Segundo Artigo da Humanidade de Jesus se diferencia do Credo ao tornar ‘virgem’ predicado (‘ficando ela sempre virgem’). Nos três excertos comparados (Anônimo ant. 1591; Anchieta 1992a; Araújo 1952 [1618]), a forma predicativa foi composta pelo sufixo *-ramo* com o valor de “na condição de”, “como, na qualidade de, segundo” (Barbosa 1956, 285). No discurso jesuítico, o recurso morfológico ao sufixo *-ramo* é recorrente na tradução de predicados de valor ontológico cristão, como por exemplo para dizer que Jesus nasceu *pitangiramo* (*pitanga* ‘criança’ + *i* ‘diminutivo’ + *ramo*) ‘como/na condição de criança pequena’.

Os três excertos do Segundo Artigo da Fé se diferenciam na escolha do léxico para a tradução de ‘virgem’: *virgem ramo* (Anchieta 1992a; Anônimo ant. 1591) > *ababycoreymamo*²⁰ (Araújo 1952 [1618]).

Anônimo (ant. 1591)	Anchieta (1992a)	Araújo (1952 [1618])
<i>Arobia Uirgê Maria çui ýaragoera Çecoabanhe Virgê ramo Çecoreme (fol.3)</i>	<i>Arobiar Virgem Maria çuy uaragoêra virgem ramo cecôu pupé memé (fol. 6)</i>	<i>Arobiar Virgem Maria çui uáragoera Aba bi cagoreímamo cecô pupememé (16v)</i>
Creio que da virgem Maria ele nasceu homem, ficando ela ‘virgem’ (RM)	Creio que da virgem Maria ele nasceu, ficando ela ‘virgem’ para sempre (AC) (p. 150)	Creio que da Virgem Maria nasceu ficando ela não tocada por homem para sempre (RM)

Tabela 3. Excertos do Segundo Artigo da Fé da humanidade de Jesus.

Diálogo de pergunta e resposta sobre a ‘Encarnação de Jesus’

Nos três catecismos analisados, a sequência de perguntas e respostas sobre o tema da encarnação é a mesma. O tema da encarnação de Jesus contém 11 turnos na doutrina do Colégio de Santos, enquanto em Anchieta e em Araújo eles são 13. Um dos turnos incluído nesses dois últimos versa sobre ‘virgem’ na situação pós-parto.

Três turnos do diálogo sobre encarnação de Jesus tratam de virgindade antes, durante e depois do parto:

- a) O primeiro turno representa a virgindade de Maria antes do parto pela construção *ababycoreyma*, repetida nos três catecismos. Observe-se que essa construção ainda não fora registrada como unidade gráfica (*aba big cagureigma/ abá bicagôereima / abà bi cagoreíma*).

20 *Amo* é variante de *ramo* em ambiente fonético nasal.

Anônimo (ant. 1591)	Anchieta (1992a) “Da Incarnação do filho de Deos” (fol. 12v)	Araújo (1952 [1618]) “Do altíssimo Misterio da Encarnação” (pag.42)
Mestre <i>Marã oicobo</i> ? M. Como foi? [que se aplacou a Deus Pai] (AC)	Mestre. <i>Marã oicobo</i> ? M. Como foi? [que se aplacou a Deus Pai]	M <i>Marã oicôbo</i> pe [?] M. Como foi? [que se aplacou a Deus Pai]
D. <i>Cunhã aba big caguereigma riguepe cunuminamo onhemonhanga.</i>	D. <i>Cunhã abã bicagôereima riguepe pitanginamo onhemonhanga</i>	D. <i>Cunhã mocû abã bi cagoereima riguepe pitangamo onhemonhanga.</i>
Gerando-se como menino no ventre de uma mulher não tocada por homem (RM)	Gerando-se como criancinha no seio [ventre RM] de certa mulher não tocada por homem (AC)	Gerando-se como criança no ventre de uma moça não tocada por homem (RM)

Tabela 4. Excertos de diálogo de doutrina: ‘virgem’ antes do parto.

- b) O turno referente à representação de Maria ‘virgem’ durante o parto mostra distintas opções: *omaraneimamo*²¹ (Anônimo ant. 1591), *virgemramo* (Anchieta 1992a) e *ababycagoeiremamo* (*Aba bi cagoereimamo*) (Araújo 1952 [1618]).

Na doutrina do Colégio de Santos, opta-se pela negação de *maran* (mal). Em *maran* não há distinção de fronteiras entre *castitas* (espiritual) e *virginitas* (corporal). No *Vocabulario de 1622* *maran* é glosa também para o verbete ‘guerra’ (Ayrosa 1938, 254), mas quando na forma negativa (*maran-eym*), significa ‘ter boa saúde’. A versão de Anchieta usou o empréstimo ‘virgem’ como atributo, pelo uso do *ramo*.

Os excertos do segundo turno se diferenciam ainda no léxico usado para caracterizar Jesus como criança ao nascer: *cunumi*, “Mocinho piqueno por todo o tempo da puerícia” (Ayrosa 1938, 297); *pitanga*, “Minina ou minino. Infans” (Ayrosa 1938, 296). Maria foi referida como *cunhã*, ‘mulher’ no documento do Colégio de Santos (Anônimo ant. 1591) e em Anchieta (1992a). Araújo prefere *cunha oçu* (“moça que passa de minina”; Ayrosa 1938, 297).

Anônimo (ant. 1591)	Anchieta (1992a) Da Incarnação do filho de Deos (fol. 12v)	Araújo (1952 [1618]) Do altíssimo Misterio da Encarnação (pag. 42)
M. “Ymboatiruã pe ixig angaturama recou omaraneigmamo?	M. Ymboátiruãpe ixi angaturama recôu Virgêramo , ýboar <i>eymebe</i> yabebe? (pag.12)	M Ymboâ tiruãpe yxiangaturama recou, Abã bicagoeireimamo , Ymboâ reimebê yabebê.

21 [o-*maran-eym-amo*] 3ª-mal-neg-predic.

Mesmo dando à luz, sua mãe santa ficou como se não tivesse mal (RM)	Mesmo dando à luz, sua mãe santa ficou virgem, como se não tivesse dado à luz? (AC, 165)	Mesmo dando à luz, sua santa mãe ficou como se não tivesse sido tocada por homem e como se não tivesse dado à luz?
D. <i>Ymboatirua</i> ²² Mesmo dando a luz	D. <i>Ymboátiruã</i> . Mesmo dando a luz	D <i>Ymboátiruã</i> Mesmo dando a luz

Tabela 5. Excertos dos diálogos de doutrina: ‘virgem’ durante o parto.

- c) O terceiro turno, que representa Maria ‘virgem’ depois do parto, está ausente no catecismo do Colégio de Santos, tendo sido acrescentado em Anchieta e mantido em Araújo (1952 [1618]).

Anônimo (ant. 1591)	Anchieta 1992a Da Incarnação do filho de Deos (fól. 12v)	Araújo 1952 [1618] Do Altíssimo Misterio da Encarnação (pag .42)
—	M. <i>Aerameipe imboarirè?</i> M. Mesmo igual depois de dar a luz? D. <i>Aeramêi</i> , D. Mesmo igual	M. <i>Aerameimpe ymboârirè?</i> M. Mesmo igual depois de dar a luz? D. <i>Aerameim</i> D. Mesmo igual

Tabela 6. Excertos de diálogo de doutrina: ‘virgem’ depois do parto.

Lírica de Anchieta

O gênero pastoral que apresentou maior variedade lexical em tupi para representar a virgindade foi a Lírica. O possível motivo dessa diversidade são as exigências das regras literárias de tal composição. O missionário, ao escolher um léxico para esse gênero, tinha de levar em conta tanto o conteúdo semântico que ele considerasse teologicamente adequado, como sua relação com a prosódia – rima, tonicidade, número de sílabas

Lírica Portuguesa e Tupi de José de Anchieta, editada por Armando Cardoso em 1984, é uma obra autoral deste jesuíta quinhentista, ao contrário do *Diálogo de doutrina* e das orações, que eram textos zelados institucionalmente, para serem mantidos sem alteração. Estes últimos tinham versões autorizadas disponíveis nas bibliotecas dos colégios jesuíticos (como o exemplar do Colégio de Santos) ou circuladas com a chancela das autoridades jesuíticas (como a versão de Anchieta 1992a).

22 [i-mo-ár-tiruã] 3-caus-cair/nascer-mesmo.

A variedade de léxicos usados para traduzir a virgindade de Maria na *Lírica* mostra que tais escolhas foram aceitas e autorizadas por um jesuíta letrado e ‘língua’, como era o caso de Anchieta. Seleccionamos quatro canções deste jesuíta, com passagens que tratam do corpo ‘virgem’ de Maria:

<i>Pitangĩ morausubára</i> ‘criancinha compadecedora’	Estrofe com sete versos, sendo 2 estribilhos; rima ABBAACC, págs.149-150, versos 17-20, 24-27.
Dança: <i>pejori xe irũ etá</i> ‘Venham, meus amigos’ (RM)	Estrofe de quatro versos, rima ABAB, págs. 177-179, versos 21-23, 29-33.
<i>Jandé kañemiré</i> ‘depois da nossa perdição’	Estrofe de quatro versos, rima ABBA, págs. 199-201, versos 13-14
Dos mistérios do rosário de Nossa Senhora	Estrofe de oito versos, estribilho, rima ABABBAAB, págs.210-215, 7-8, 21-22

Tabela 7. Lírica sobre a virgindade de Maria.

Pitangĩ morausubára (‘criancinha compadecedora’):

<i>Ndaababykába ruã</i> [17]	Não tocada por homem [17]
<i>Maria ixý poránga</i> [18]	Maria [é] sua mãe bonita [18]
<i>Ipupé oñemoñanga</i> [19]	Dentro dela [ele] se fazendo [19]
<i>Oñemomiri Tupã</i> [20] ²³	Deus se fez pequeno [20] ²⁴
<i>Ko putúna ri, syári</i> [24]	Nessa noite ele caiu-nasceu [24]
<i>Maria rygué suí</i> [25]	Da barriga de Maria [25]
<i>Ixý nímemyrasýi</i> , [26]	Sua mãe não teve dores de parto [26]
<i>ndasuguyí, nimaraári</i> [27] ²⁵	não sangrou, não ficou mal [27] ²⁶

(Anchieta 1984, 150)

Dança: *pejori xe irũ etá*²⁷ (‘Venham, meus amigos’ RM):

<i>virgem oikóbo be</i> [21]	e como ‘ virgem ’ ela viveu [21]
<i>/.../puruáramo, raé</i> , [23] ²⁸	<i>/.../mesmo grávida</i> , [23] ²⁹

23 [nda-aba-byk-aba ruã] neg-homem-tocar-circunst neg [17]; [Maria i-xý poranga] Maria 3-mãe bonita [18]; [i-pupé o-nhe-monháng.a] 3-dentro 3ª-refl-fazer/criar [19]; [o-nhe-mo-mirí Tupã] 3ª-refl-caus-pequeno Deus [20].

24 Sem que lhe tocasse alguém [17] / Maria é sua mãe bela [18] / Pois encarnando-se nela [19] Tupã se faz um bebê [20] (AC).

25 [ko putuna ri i-sý ár.i] essa noite em [de] sua-mãe nasceu [24]; [Maria-rygué suí]: Maria ventre de [25]; [i-xý n-i-memyrâr-acy-i] 3-mãe neg-3-parto-dor-neg [26].

26 Nessa noite ele saiu /das entranhas de Maria. Sua mãe não o expeliu, não sangrou, nem dor sentiu (AC).

27 Achegai-vos meus amigos (AC).

28 [Virgem-ramo o-ikó-bo-be] virgem-como 3ªsuj-viver-ger-também [21]; [puruá-ramo raé] grávida-como embora [23].

29 Só como ‘virgem’ viveu [21] ... /engravidando ela, embora [23] (AC).

<i>Imembýra oár, umuã</i> , [29]	Seu filho nasceu/caiu outrora, [29]
<i>Amó putúna resé</i> , [30]	certa noite, [30]
<i>Pitangĩ porangeté</i> , [31]	menininho muito belo. [31]
<i>Ixy nasuguy tiruã</i> , [32]	Sua mãe não sangrou nada , [32]
<i>Jakuĩ, nikuári ñe</i> , [33] ³⁰	[ficou] seca , sem buraco simplesmente. [33] ³¹

Jandé kañemiré (‘depois da nossa perdição/condenação no sentido bíblico’):

<i>Syguépe oeteráma Tupã tári</i> , [13]	No seu ventre o próprio corpo futuro Deus tomou. [13]
<i>Ipukeyme ñe oá’oúpa</i> [14] ³²	Sem arrebentar-se ele foi nascendo [14] (RM) ³³

Dos mistérios do rosário de Nossa Senhora

<i>Nde yvĩa pupé</i> [7]	Nas tuas entranhas [7]
<i>pitángamo oúpa</i> [8] ³⁴	[ficou deitado] como criança [8] (RM)
(Anchieta 1984, 211)	
Nitybi tuguy , [21]	Sem sangue , [21]
nde membyrasápe ; [22]	no teu parto ; [22] ³⁵
(Anchieta 1984, 211)	

Na *Lírica*, a atenção maior de Anchieta foi posta na virgindade de Maria durante o parto, como se viu acima, mas, no catecismo de Araújo uma canção “em louvor da Virgem” (1952 [1618], s.p.) enfatiza virgindade antes do parto, ao apresentar o já mencionado *ababyagoereyma* ‘não tocada por homem’.

Pregação: Breve Instrução das coisas da fé

Breve Instrução das coisas da fé fez parte do material encaminhado para Roma acompanhando o pedido de beatificação de José de Anchieta. Armando Cardoso, responsável pela edição do material tupi de Anchieta (1988; 1992a e 1992b) sugere que a origem dessa pregação teria sido do jesuíta ‘língua’ Pero Correia (Cardoso, em Anchieta 1992a, 196). Ele foi um dos primeiros colonos absorvidos na Ordem em 1549 por seu conhecimento de tupi, embora não tivesse formação teológica.

30 [i-membyra o-ár umuã] 3-filho 3^asub-nascer já [29]; [amó putúna resé] uma noite em [30]; [pitáng-ĩ poráng-eté] criança-dimin bonito-muito [31]; [i-xy na-ç-uguy] 3-mãe neg 3-sangue [32]; [i-akuĩ n-i-ku-ár-i ñe] 3-seco neg-3-buraco-neg só [33].

31 O seu filho, já outrora, [29] certa noite despontou, [30] menininho todo-aurora. / Sua mãe nada sangrou, [32] enxuta, intacta senhora. [33] (AC).

32 [ç-ygué-pe o-eté-ráma Deus t-ár] 3-ventre-loc 3-corpo-fut Deus 3-tomar [13]; [i-puc eým-e ñe o-ár o-úp-a] 3-furar neg-subj só 3^asub-nascer 3^a-estar.deitado-gerund [14].

33 Em seu seio tupã toma um corpinho/E dela está a nascer sem forçar (AC).

34 E no ventre teu / qual criança pousou (AC).

35 De sangue, sem traços / dando o filho à luz (AC) [n-i-tyb-i t-uguy] neg-3-existir-neg 3-sangue; [nde membyrá-r-sáb-pe] tu parto-circunst-loc.

Pero Correia vivia em São Paulo desde 1534 (Leite 1938, vol. VIII, 175). Como colono, sua atividade era a captura de indígenas para a escravidão, característica da vida econômica naquela Capitania. Em uma carta de 1553, Correia se apresentava como ‘predicador’ e pedia livros que não fossem em latim (“no soi latino y no me puedo ajudar de los de latín”). Na mesma carta ele complementava:

[...] porque mi officio es sempre hablar de nuestro Señor, y un predicador si no tiene siempre cosas nuevas enhastia, quanto mas yo que ni nuevas ni viejas tengo, porque mi estudio en este mundo nunca fué para servir a Dios, mas para lo ofender (Irmão Pero Correia ao Padre Simão Rodrigues em Lisboa, São Vicente 10 de março de 1553, em Leite 1956, vol. 1, 442).

A passagem referente à virgindade de Maria nessa pregação associada a Pero Correia é a seguinte:

[1] *Santa Maria sérybae*, [2] *kuñā angaturáma*, [3] *abá bykáguereyma pupé*, [4] *oikéábo, sygépe, suguyú sui guetéráma rá*, [5] *Tupánamo guekó pupéñé*. [6] *Ndeiteé oá nóte ixuí, Ndi-pekábo ruá*, [7] *ndasakypuéri*, [8] *oá erimbaé Jesus* [9] *séramo, inemokunumíré*, [10] *Moropysyróánamo oikóbo*.

[1] Santa Maria, assim chamada, [2] mulher boa, [3] não tocada por homem dentro, [4] entrando no ventre dela, do sangue dela seu futuro corpo tomou, [5] continuando Deus em sua natureza. [6] Por isso ele somente caiu/nasceu dela [RM], não a abrindo violentamente, [7] não deixou marcas, [8] nasceu/caiu outrora Jesus [9] sendo seu nome depois que se fez criança, [10] tornando-se futuramente o salvador (AC).

Dois dos léxicos usados acima para traduzir a virgindade de Maria foram recorrentes nos demais gêneros: *cunhā angaturama* ‘mulher boa’ e o já citado *ababycagoereyma*. Mas a passagem faz uso também de dois outros termos que não tinham sido usados em nenhum outro texto pastoral: *pecá* (abrir) e *sakypuéra* (rastro) para se referir à virgindade de Maria: *Ndipekábo ruá* ‘não a abrindo violentamente’ (segundo a tradução de AC), e *ndasakypuéri* [8] ‘sem rastros’. Abaixo, verbetes do *Vocabulário* de 1622 com *pecá* e *sakypuera*:

pecá: “Abrir como mato serrado sem cortar. – *Aipecá*” (Ayrosa 1938, 83).

sakypuéra: “Atras de algúa cousa ir ou andar. – Çaquipueri³⁶, L[ou], Aiço aço” (Ayrosa 1938, 118); “Seguir o rasto, ou pello rasto. s. de quã pa. lâ. – Açaquigpuemódó³⁷” (Ayrosa 1938, 388); “Rasto de tudo o que não tem pes. – Coapaguera, L, [ou] çaquipuera, ut. *Boya coapaguera*, o. rasto da sobra [sic cobra]” (Ayrosa 1938, 367).

Com base nos exemplos dados acima para *pecá* e *sakypuéra*, podemos interpretar a representação em tupi do parto de Maria como estando associada ao ato de entrar na mata sem cortar, e a do seu corpo depois do parto como não tendo ficado com marcas, à diferença da cobra, que deixa seus rastros no chão ao se movimentar.

36 [ç-akypuéri-i] 3-rastro-loc.

37 [a-ç-akypuéri-mondó] 1ªsuj-3-rastro-mandar.

O fato de que Anchieta, em sua *Lirica*, só emprega *sakypuera* para animais – *Jaraá jaguára* já (‘Agitado qual jaguar’) *Jande rakypuéra mboú* (‘Nosso rasto vai seguindo’), reforça a sugestão de Armando Cardoso de que essa pregação não teria sido de Anchieta.

Confessionário: Sexto Mandamento da Lei de Deus

Em português, ‘virgem’ é um atributo tanto de Maria como das mulheres em geral, mas propomos a hipótese de que o missionário do século XVI deu-lhes tratamento diferente, do ponto de vista lexical, ao representar em tupi a virgindade.

A virgindade das mulheres comuns é tratada no Sexto Mandamento da lei de Deus nos confessionários. Nessa seção, a mulher ‘virgem’ é o tema da pergunta dirigida a um homem para saber se houve estupro, definido no dicionário português-latim de Raphael Bluteau como “copula com molher virgem” (1728, 351).

Anchieta (1992b)	Araújo 1952 [1618]
<i>Ereimombúkpe kuñātai amó, imokuá, imondoróka?</i> ³⁸	<i>Ereçuguícape cunhā taim amô?</i> ⁴⁰ <i>cemimotára rupípe, coipô y popî atábápe?</i> (103v)
Você furou alguma menina fazendo buraco e rasgando -a? (RM)	Você sangrou alguma menina ? [Foi] por vontade dela ou à força? (RM)
<i>Ereikópe kuáreymamo resé?</i> ³⁹	
Vives com uma não furada ? (56v)	

Tabela 8. Perguntas ao penitente homem sobre cópula com uma ‘virgem’.

Anchieta e Araújo fazem as mesmas perguntas sobre estupro para referir-se à figura feminina: *kunhātai* (“Moça piquena como até dez annos pouco mais ou menos”; Ayrosa 1938, 166), mas utilizam verbos diferentes para configurar se houve ou não estupro. No confessionário de Anchieta alternam-se três formas: *mo-puc* (furar), *mo-coar* (fazer buraco), *mo-çoroka* (rasgar). Eis verbetes do *Vocabulário* de 1622 (Ayrosa 1938) que têm *puc* e *coar* como glosas: “Corromper virgem- *Aimobuc*”;⁴¹ “Corrupta ser. – *Xecoar*. *Xecoarigmuān*”;⁴² “Corrupta molher. – *Ycoaribae*, L [ou] *Ycoarigmuānibaé*, *Ymôbuquipira*”⁴³ (pág. 166). Em Araújo, se pergunta se a mulher sangrou.

38 Forçaste alguma menina, violentando-a, estuprando-a? (AC) [*ere-i-mo-púc pe kuñātai amó, i-mo-cuá-ø, i-mo-çoroc-a*] 2ªsuj-3-caus-furar interr menina uma, 3-caus-furar-gerund, 3-caus-rasgar-gerund.
39 [*ere-icó pe cuár eym-amo resé*] 2ªsuj-viver interr buraco neg-predic com.
40 [*ere-ç-uguy-(u)ca(r)-pe cunhā amo*] 2ªsuj 3-sangue-mandar (permitir, deixar que)-interr menina uma ‘deixaste que uma menina sangrasse’ = fizeste uma menina sangrar? [*cemimotâr-a rupí pe, coipô i-popîa-tábá-pe*] vontade-nomin através interr ou à força interr.
41 [*a- i-mo-puc*] 1ªsuj-3-caus-furar.
42 [*xe coar*] eu buraco; [*xe coar-ymuan*] eu buraco já.
43 [*i-coari-bae*] 3-buraco-que; [*i-mo-puc-ipýna*] 3-caus-furar-nom.obj.

Convém ressaltar aqui que a definição de Bluteau para estupro como ‘cópula com mulher virgem’ não faz nenhuma referência à questão do consentimento (se por vontade própria ou não) da mulher estuprada.

Repertório lexical usado nas representações para a virgindade de Maria segundo o gênero textual (séculos XVI-XVII)

Credo	<i>virgem</i> (Thevet 1575; Anônimo ant. 1591; Anchieta 1992a) <i>byc</i> ‘tocar’ + negação (Araújo 1952 [1618])
Segundo Artigo da Fé	<i>virgem ramo</i> (Anônimo ant. 1591; Anchieta 1992a) <i>byc</i> ‘tocar’ + negação + <i>ramo</i> (Araújo 1952 [1618])
Diálogo de Doutrina	<i>maran</i> ‘mal’ + negação (Anônimo ant. 1591) <i>atôy</i> ‘tocar de leve’ + negação (Anchieta 1988) <i>byc</i> ‘tocar’ + negação (Araújo 1952 [1618])
Lírica	<i>byk</i> ‘tocar’ + negação (Anchieta 1984) <i>puc</i> ‘furar’ + negação (Anchieta 1984) <i>coar</i> ‘esburacar’ + negação (Anchieta 1984) <i>maran</i> ‘mal’ + negação (Anchieta 1984) <i>asy</i> ‘dor’ + negação (Anchieta 1984) <i>çuguy</i> ‘sangue’ + negação (Anchieta 1984) <i>jakui</i> ‘seco’ (Anchieta 1984) <i>virgem</i> (Anchieta 1984) <i>byc</i> ‘tocar’ + negação (Araújo 1952 [1618])
Pregação (Pero Correia?)	<i>byc</i> ‘tocar’ + negação (Anchieta 1992a) <i>peka</i> ‘abrir sem cortar’ + negação (Anchieta 1992a) <i>çakypuera</i> ‘rastro’ + negação (Anchieta 1992a) <i>suguy</i> ‘sangue’ (Anchieta 1992a)
Confessionário	<i>coara</i> ‘buraco’ + negação (Anchieta 1992b) <i>puc</i> ‘furar’ (Anchieta 1992b) <i>mo-çorok</i> ‘rasgar’ (Anchieta 1992b) <i>suguy</i> ‘sangue’ (Araújo 1952 [1618])

Tabela 9. Gêneros pastorais.

Na lista acima apresentamos *puc* e *byc* como duas raízes lexicais distintas. Segue uma análise dessas duas raízes como ocorrem no século XVI:

- *puc* furar (intransitivo) ‘furar-se, estar furado’. Com o prefixo causativo *mo-*, o verbo se torna transitivo: *mombuc* [*mo-puc*] ‘furar’; nos verbetes do *Vocabulário de 1622* (Ayrosa 1938) *mo-puc* é sinônimo de *mo-kuar* fazer-buraco, furo

- ‘esburacar, arrebentar’; a raiz *puc* está presente também em parte dos verbetes relacionados a ‘corromper donzela’.
- *byc* (intransitivo) ocorre no *Vocabulário de 1622* em entradas de dois verbos portugueses – ‘chegar’: “Chegar hũa cousa a outra. – **Abigc** (rece)” (pág. 152) [*a-byc rece*]; ‘tocar’: “Tocar ainda q não seia com a mão quase o mesmo q. chegar. – **Acigc. Abigc.** rece” (pág. 407). Como se pode ver acima, em uma das entradas de ‘tocar’, *byc* e *cyc* aparecem como ‘quase’ sinônimos (lembrando que no século XVI a grafia portuguesa da vogal posterior não arredondada – que depois passa a ser grafada *y* – é ou deveria ser *ig*).

Ambas as raízes, *puc* e *byc*, faziam parte do repertório tupi para tratar da virgindade no século XVI, no entanto eram empregadas com referência a diferentes *cunhã* (‘mulher’): *puc* era usada no gênero confessional, no diálogo entre o padre e catecúmeno, referindo-se às mulheres em geral, enquanto *byc* ocorria no diálogo de doutrina, para afirmar, através da expressão fixa *ababycagoereyma*, que Maria não tivera relações sexuais antes do parto. Em trabalho de 2019a interpretamos a raiz *byc*, na construção *ababycagoereyma*, como tendo sentido equivalente ao da raiz *puc* para glosar o verbo ‘furar’. À luz da presente análise, pudemos revisar e refinar nossa interpretação anterior, como ficará claro mais adiante.

Consideramos que o conjunto de usos dos léxicos envolvidos foi fruto das especulações teológicas de missionários na língua do Outro, no intuito de introduzir a ideia de que Maria foi ‘virgem’ antes, durante e depois do parto.

Características linguístico-discursivas da tradução de virgindade nos textos jesuíticos em tupi (séculos XVI e XVII)

Seguem algumas características discursivas do repertório lexical usado para traduzir os atributos corporais da virgindade entre o século XVI e a primeira metade do XVII:

Traduzir ou não traduzir

A comparação de traduções dentro do corpus jesuítico tupi do século XVI mostrou que traduzir (ou não) ‘virgem’ dependia do gênero textual da evangelização. Esse termo foi inserido como empréstimo português no Credo e nos Artigos da Fé. Nesses gêneros, os missionários se esquivavam de propor para os catecúmenos uma representação em tupi da virgindade de Maria. Porém na lírica, na pregação e nos turnos do diálogo, os jesuítas do século XVI fizeram uso de uma variedade de formas lexicais da língua indígena.

Essa diferença nas escolhas lexicais poderia ser associada às advertências ao leitor no catecismo tupi de 1686 de Araújo e Leam, nas quais se considera como uma questão de ‘decoro’ os empréstimos nas orações e como uma necessidade de ‘difusão’ a tradução nos diálogos de pergunta e resposta:

Finalmente, a exemplo dos Portuguezes, que nas **orações** conservaõ algumas palavras Latinas, & juntamente **por decoro** das mesmas palavras, & por necessidade se abraçaõ, & admitem nas Oraçoens, & Dialogos palavras Latinas, & Portuguezas: quaes são Cruz, Ave, Salve, Igreja, Sacramento. Por **decoro**; porque os mysterios, que nesses vocabulos se contém, mas respeito conciliaõ nestes vocabulos, que nos vulgares Brasilicos. E para se entenderem, **diffusamente** os explicaõ os Dialogos. **Por necessidade**; porque ao Gentio Brasil faltaõ com o uso, & noticia de muitas cousas, as palavras có que possaõ verterse (Araújo e Leam 1686, iij).

Representações de ‘virgem’ antes, durante e depois do parto

As escolhas lexicais para a tradução de ‘virgem’ no século XVI indicam que elas se referiam a diferentes dimensões da virgindade de Maria (antes, durante e depois do parto):

Empréstimo do português	<i>virgem</i>
Genérico (<i>castitas e virginitas</i>)	<i>maran</i> (mal) + negação
Virgindade antes do parto	<i>atõi</i> (tocar levemente) + negação <i>byc</i> (tocar) + negação <i>coara</i> (buraco/furo) + negação
Virgindade durante o parto	<i>asy</i> (dor) + negação <i>peccá</i> (abrir sem cortar) + negação <i>çuguy</i> (sangue) + negação <i>iacuí</i> (enxuto/seco) <i>puc</i> (furar) + negação
Virgindade depois do parto	<i>çakypuera</i> (rastros) + negação

Tabela 10. Escolhas lexicais dirigidas a Maria ‘virgem’ antes, durante e depois do parto.

Na *Lírica*, Anchieta enfatizou a representação de Maria ‘virgem’ durante o parto: sem dor, sem água (= enxuto), sem sangue, sem cortes na saída da criança. No *Diálogo*, Maria, em sua dimensão virgem antes do parto, foi unanimemente traduzida por (mulher) *ababycoareyma*. A representação de ‘virgem’ depois do parto foi expressa apenas por *sakypureyma* [rastros-negação].

Em *maran-eyma* (‘sem mal’) não há distinção entre *castitas* e *virginitas*; quanto ao empréstimo ‘virgem’, é opaco semanticamente para o catecúmeno e nada informa sobre nenhuma das três dimensões (antes, durante e depois).

No catecismo de Araújo (1952 [1618]), uma única dimensão da virgindade foi traduzida, a de Maria ‘virgem’ antes do parto, visto que se uniformizou em todos os textos a forma lexical *ababycoareyma* ‘não tocada por homem’, eufemismo missionário usado para evitar a referência ao coito, como será visto mais adiante.

Traduções por negação

Um traço recorrente das traduções para o tupi da palavra ‘virgem’ em referência à Maria foi o emprego de formas gramaticais negativas (*n-X- i* ou *X-eym*): Maria teve um parto sem dor (*nimembyrasýi*), sem sangue (*nitybi tuguý*), sem arrebentar/furar (*ipukeýme*), sem rastro (*ndaçakypuéri*). Sua gravidez foi sem toque de homem (*ndababykába*), nem mesmo toque leve (*iatôimbyreýma*).

Essas expressões negativas poderiam ser compreendidas como assertivas implícitas desses mesmos atributos nas “femea em geral” (*Vocabulário* de 1622, Ayrosa 1938, 234), que, diferentemente de Maria, sentiam dores e perdiam água no parto.

A única forma tupi não negativa – (*i*)*acuí* ‘enxuto’ –, pode ser alternativamente entendida como expressão de um sentido oposto negativo – ‘não agoacento’ (Enxuto ser como a batata, mandioca & similia. o contrário de **agoacento**. – (*Xe*)*acuí*. (*Vocabulário* de 1622, Ayrosa 1938, 213).

‘Sangue’

Na argumentação sobre a virgindade, a palavra ‘sangue’ (*tuguý*) teve funções distintas na Lírica, no Confessionário e na pregação. Na *Lírica*, há três passagens onde Maria não teve perda de sangue durante o parto (*Nitybi tuguý* ‘sem sangue’) (Anchieta 1984, 211).

Na *Breve Instrução*, o sangue de Maria é parte do desenvolvimento do corpo de Jesus: *oikéábo, sygépe suguyú sui guetéráma rá*, (‘entrando seu-ventre-em seu-sangue do próprio-corpo-futuro tomando) (RM).

No *Confessionário* de Araújo (1952 [1618]), a referência ao sangramento de uma mulher entra na formulação de uma pergunta sobre estupro, definido como ter relação sexual com uma mulher ‘virgem’ (*Ereçuguicape* ‘você sangrou?’).

‘Tocar’ *byc* e *atôî* como eufemismos para ‘copular’

Duas raízes tupi foram usadas como glosas para ‘tocar’ no Diálogo de Doutrina na representação de da Virgem antes do parto: *byc* e *atôî*. Vejam-se os exemplos do *Vocabulário* de 1622 (Ayrosa 1938):

“Tocar ainda q. não seia com a mão quase o mesmo q. chegar. Acigc [cyc]. **Abigc**[byc] rece” (pág. 407)

“Tocar leuissimamte, ou per desastre có o q. quer que seia, act. – **Anhatoý** [atôî]” (pág. 407)

Ambas as raízes são usadas como eufemismos para ‘copular’. Anchieta usou *atôî* ‘tocar com leveza’ na forma negativa: *i-atôî-mbyr-eym-a*: ‘não tocada’ no Diálogo “Do nome do Cristão”:

*M. Ndatúbitepe, apyábatéramo oicóbo.*⁴⁴

Tem pai verdadeiro, sendo homem verdadeiro?

*D. Ndatúbi; ojemonangé osý iatōimbyreýma ryguépe.*⁴⁵

Não tem pai; foi concebido no ventre de sua mãe não tocada (RM)

Léxicos diferentes para expressar a virgindade de Maria e a das mulheres em geral

A evangelização jesuítica no século XVI mostra um repertório tupi diferente para traduzir ‘virgem’ em relação à Maria e em relação a ‘femea em geral’ (*cunhã* ‘mulher’). Um exemplo é o distinto uso de *puc* e *byc* como referência à copula. A raiz *puc* (furar) era a termo empregado no confessionalário para se referir às relações sexuais. A raiz *byc* (tocar), como já mencionado, seria a forma eufemística de referir-se ao mesmo ato.

A título de conclusão: Maria *ababycagoereýma*, de ‘não tocada’ (século XVI) para ‘não perfurada’ (século XVIII)

O trabalho rastreou os recursos lexicais e discursivos usados pelos jesuítas do século XVI para traduzir a virgindade de Maria em gêneros textuais de catecismos tupi que tratam da encarnação de Jesus (Credo, Artigos da Fé, Diálogo de doutrina sobre a Encarnação de Jesus e a Lírica com passagens sobre o tema natalino).

Durante esse período, foram encontradas várias representações para tratar do que seria o estado corporal de Maria “virgem” – sem dor, sem sangue, sem toque, sem rastro, sempre construídas por meio de construções gramaticais de negação.

Essa pluralidade de formas lexicais para representar em tupi um corpo ‘virgem’ nos textos jesuíticos do século XVI foi suprimida dos catecismos impressos a partir do século XVII (Araújo 1952 [1618]; Araújo e Leam 1687; Bettendorff 1687). Foram excluídos das versões impressas:

- O empréstimo português “virgem” em sua forma predicativa tupi (*virgemramo*), que permaneceu apenas como aposto do nome próprio Maria, como Maria Virgem ou Virgem Maria.
- *maran* ‘mal’, raiz usada em forma negativa no Diálogo de doutrina e na Lírica, para expressar tanto *castitas* (‘não estar mal’) como *virginitas* (‘estar bem de saúde’).⁴⁶
- *iacui* ‘seco/enxuto’, que era a única representação aparentemente assertiva em tupi sobre a virgindade de Maria durante o parto.
-

44 [nda-tub-i-ete pe apyaba-ete-ramo o-ico-bo] neg-pai-neg-verdadeiro homem-verdadeiro-pred 3ªsuj-ser-gerund.

45 [nda-tub-i o-ye-monhang é o-sy i-atōy-pyr-eym-a r-ygue-pe] neg-pai-neg 3ªsuj-refl-fazer enfat 3-mãe 3-tocar.leve-nom.obj-neg-nomin relac-ventre-loc.

46 *Maraneyma* foi a opção do jesuíta Ruiz de Montoya para traduzir ao guarani Maria Virgem na oração do Credo (1640, 5). No guarani kaiowá de hoje, *marâneŷ* tem várias acepções (sem mal, sem uso/novo, intacto). Entre elas tem o sentido de menina sem relação sexual (Chamorro 2022, 326).

- *çuguy* ‘sangue’, que foi retirado da representação da virgindade de Maria durante o parto.
- *pecá* ‘abrir sem cortar’ e *çakypuéra* ‘rastro’, que desapareceram dos catecismos tupi impressos, bem como, aliás, o texto completo de *Breve Instrução das coisas da Fé*.

A partir de Araújo (1952 [1618]) permaneceu uma única construção lexical em tupi para a virgindade de Maria: *cunhã ababycagoereyma* ‘mulher sem toque feito por homem’. A expressão já estava assim registrada no século XVI, fazendo parte dos turnos do Diálogo de doutrina sobre a Encarnação de Jesus para expressar que Maria não tinha tido relações sexuais antes do parto.

A escolha da raiz *byc* – ‘tocar’ / ‘chegar uma coisa a outra’ – foi uma forma eufemística de representação do ato da cópula. No século XVI, essa expressão era apenas uma das possibilidades para traduzir ‘virgem’ para o tupi.

Tal escolha se manteve *verbatim* na oração do Credo até o século XVIII, como mostram seus registros em manuscritos de missões jesuíticas na Amazônia (Anônimo 1751, 75v; 1757, 103v).

No século XVIII, porém, *ababycagoereyma* foi registrada por um jesuíta como significando ‘não perfurada por homem’, no verbete “donzella” de seu dicionário português-tupi (Anônimo 1756, em Muller *et al.* 2019, 151). O autor do dicionário acrescenta a observação de que aquela expressão era usada pelos “topinambá” (entenda-se que quando os jesuítas setecentistas remetem dada forma aos ‘tupinambás’, eles na verdade estão se referindo aos textos pastorais do século XVI).

Donzella. angaturáma. *ut*: *äé cunhã angaturáma, top[inambá]* **ababycagoereýma**. *hoc ppriè [proprie] sgfat virgînẽ idemqz [idemque]* ac: **nondum a viro perforata**. [não perfurada por homem] (Anônimo 1756, em Muller *et al.* 2019, 151).

Ou seja, enquanto no século XVI *ababycagoereyma* era uma forma eufemística de dizer que Maria não teve relações sexuais, como mostra a escolha do verbo *byc* ‘tocar’, no século XVIII se perdia a ‘modéstia’ no falar, quando se tratava do corpo feminino de Maria, ao se interpretar a expressão como equivalente à formada com *puc* ‘furar’, a mesma raiz usada no confessionalário para traduzir ‘deflorar mulheres’ e também em perguntas a uma mulher devassa sobre atos luxuriosos.

Como explicar que a expressão *ababycagoereyma* tenha passado do entendimento de ‘não tocada’ para ‘não perfurada’, perdendo a ‘modéstia’ ao se falar sobre Maria? Nossa hipótese remete ao fenômeno da variação fonética entre as vogais posteriores tupi *y* (não arredondada) e *u* (arredondada) já presentes em registros do século XVI, que a nosso ver teriam conduzido a relacionar no século XVIII as raízes *puc* e *byc* como semanticamente equivalentes. Eis como tal fenômeno é apresentado por Lemos Barbosa:

Já no tupi pré-colonial parece que o **y** tendia a converter-se em **u**. Na era histórica, era facultativo **u** em lugar de **y** em muitas vozes, particularmente quando vizinho de labiais: *pytuê*, *putuê*, *pytuura*, *putuura*; *pytuna*, *putuna*; *ymuã*, *umuã* (Barbosa 1956, 33).

Registros do século XVIII mostram que *mombuc* e *mombyc* (quando o verbo está na forma causativa) ocorrem indiferentemente para traduzir ‘furar’ (transitivo). Um missionário escreva de um códice de 1751, registra ora *mombuc*, ora *mombyc* para ‘desflorar’ no seu dicionário e no confessionalário. E o jesuíta do dicionário de 1756, o mesmo que registrou *ababycagoereyma* como ‘não perfurada’, também menciona duas possibilidades gráficas da raiz *puc*, com **u** ou com **y**: *amombýc* v *amombúc*, complementando que seria melhor com **y** (“Apúc. Estar furado. N vdtz [videtur] **melius: abyc**”; Anônimo 1756, em Muller *et al.* 2019, 329).

Assim, se tanto *mombuc* como *mombyc* aparecem no século XVIII como glosas para ‘furar’, não seria descabido atribuir a essa variação fonética da vogal posterior tupi /**y** ~**u**/ a origem do apagamento da diferença semântica, que no *Vocabulario de 1622* era muito nítida, entre *byc* ‘tocar’ (chegar, aproximar-se), e *puc* ‘furar’, levando os próprios missionários setecentistas a interpretar *byc* em *ababycagoereyma* como ‘furar’.

Assim, no século XVIII a tradução de ‘virgem’ *ababycagoereyma* como atributo de Maria no Credo acabou se tornando ambígua. Ela é mulher ‘não tocada’ por homem nas fontes dos séculos XVI e XVII (como nas traduções feitas por Armando Cardoso) e mulher ‘não furada’ por homem (segundo registros do século XVIII), perdendo-se com isso as fronteiras entre repertórios lexicais distintos para as duas virgindades, a de Maria e a das mulheres em geral.

Essa alteração do sentido de *ababycagoereyma* no século XVIII na Amazônia não foi ditada pelo discurso cristão; deu-se à revelia da evangelização, já que a política jesuítica oitocentista era de – numa situação em que a língua tupi falada nas missões já sofrera muitas modificações – manter oficial o discurso cristão formado nos séculos XVI e XVII. A persistência dos missionários no uso de *ababycagoereyma* no século XVIII é um exemplo da arcaização do discurso jesuítico elaborado no século XVI e mantido pela Ordem até o século XVIII na Amazônia (Barros e Monserrat 2019b).

Referências bibliográficas

Fontes primárias

Anônimo

- [ant. 1591] “Doutrina christãã na lingua brasilica”. Manuscrito. Bodleian Libraries, University of Oxford.
- 1751 “Vocabulário na língua brasílica”. Manuscrito. Biblioteca Nacional do Brasil. Rio de Janeiro.
- 1757 “Vocabulary of South American languages”. Manuscrito. Ms. Kings 223, British Library, London.

Obras publicadas

Anchieta, José

- 1933 *Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões Padre Joseph de Anchieta, S.J. (1554-1594)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasraras/or84081/or84081.pdf (27.04.2025).
- 1977 *Teatro de Anchieta. Tradução, introdução e notas: Pe. Armando Cardoso*. São Paulo: Loyola.
- 1984 *Lírica Portuguesa e Tupi. Introdução, versão e notas do Pe. Armando Cardoso, SJ*. São Paulo: Loyola.
- 1988 *Diálogo da fé. Editado e traduzido por Armando Cardoso*. São Paulo: Loyola.
- 1990 [1595] *Arte de gramática da língua mais usada na Costa do Brasil*. São Paulo: Loyola.
- 1992a *Doutrina cristã. Tomo 1: Catecismo brasílico [séc. XVI]. Introdução, tradução e notas do Pe. Armando Cardoso SJ*. Obras completas, Vol. 10. São Paulo: Loyola.
- 1992b *Doutrina cristã. Tomo 2: Doutrina autógrafo e confessionário. Introdução, tradução e notas do Pe. Armando Cardoso SJ*. Obras completas, Vol. 10. São Paulo: Loyola.

Anônimo

- 1897 “Historia de la fundación del Collegio de la Baya de todo los Sanctos, y de sus residencias”. *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro* 19: 77-121. <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=pst.000057538204> (19.12.2025)

Araújo, Antônio de

- 1952 [1618] *Catecismo na língua brasílica*. Com apresentação pelo Pe. A. Lemos Barbosa. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Araújo, Antonio de e Bertholameu de Leam

- 1686 *Catecismo brasílico da doutrina christãã, com o cerimonial dos sacramentos, & mais actos parochias. Composto por padres doutos da Companhia de Jesus, aperfeiçoado, & dado a luz pelo Padre Antonio de Araújo da mesma Companhia. Emendado nesta segunda impressão pelo P. Bertholameu de Leam da mesma Companhia*. Lisboa: Officina Miguel Deslandes. <https://archive.org/details/catecismobrasili00ara/> (19.12.2025)

Ayrosa, Plínio

- 1937 *Os “nomes das partes do corpo humano pella lingua do Brasil” de Pero de Castilho*. São Paulo: Empresa gráfica da Revista dos Tribunais.
- 1938 *Vocabulário na língua brasílica. Manuscrito português-tupi do século XVII, coordenado e prefaciado por Plínio Ayrosa*. São Paulo: Departamento de Cultura.

Barbosa, Antônio Lemos

- 1956 *Curso de tupi antigo: gramática, exercícios, textos*. Rio de Janeiro: Livraria São José.

Barros, Cândida e Ruth Monserrat

- 2019a “Algumas divergências na tradução do cristianismo para o tupi em catecismos jesuítcos (Séculos XVI-XVII)”. *Habitus* 17: 346-356.
- 2019b “Dilemas da evangelização em tupi na Amazônia na primeira metade do século XVIII: vernacularizar ou manter a tradição textual jesuítica?”. Em *Linguística misionera. Aspectos lingüísticos discursivos, filológicos y pedagógicos*, organizado por Rodolfo Cerrón-Palomino, Alvaro Ezcurra e Otto Zwartjes, 173-190. Lima: Fondo editorial/ Pontificia Universidad Católica del Perú (PUCP).

Bettendorff, João Felipe

- 1687 *Compêndio da doutrina christã na língua portuguesa e brasílica*. Lisboa: Oficina de Miguel Deslandes. <http://www.etnolinguistica.org/biblio:betendorf-1800-compendio> (19.12.2025)

Bluteau, Raphael

- 1728 *Supplmento ao vocabulario portuguez e latino*. Parte 2. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu. <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5447> (19.12.2025)

Boidin, Capucine, Cândida Barros e Ruth Monserrat

- 2024 “‘Tupi or not guarani’. Les Notre Père des XVIe-XVIIe siècles. Entre corpus brésilien et paraguayen”. *Histoire Épistémologie Langage* 46: 21-49. <https://doi.org/10.4000/11y0p>

Castelnau-L’Estoile, Charlotte

- 2000 *Les ouvriers d’une vigne stérile: les jesuites et la conversion des indiens au Brésil, 1580-1620*. Lisboa: Centre Culturel Caloute Gulbenkian.

Chamorro, Graciela

- 2022 *Dicionário kaiowá-português*. Belo Horizonte: Javali.

Dedenbach-Salazar Sáenz, Sabine

- 1994 “Texto e contexto: releendo las fuentes andinas a la luz de la pragmática y del discurso”. *América Indígena* 54, n.º 4: 157-188.
- 2025 “La Virgen, la virginidad y la violencia sexual. La traducción de términos castellanos y conceptos cristianos en materiales quechuas de conversión religiosa de los siglos XVI/XVII”. *Indiana* 42, n.º 2: 39-67. <https://doi.org/10.18441/ind.v42i2.39-67>

Evreux, Yves

- 1874 [1615] *Viagem ao norte do Brasil feita nos annos de 1613 a 1614 pelo padre Ivo d’Evreux, religioso capuchinho, publicada conforme o exemplar, unico, conservado na Bibliotheca imperial de Pariz* Maranhão: Typographia do Frias. <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7866> (19.12.2025)

Fernandes, Florestan

- 1989 *A organização social dos tupinambá*. São Paulo/Brasília: Hucitec/UNB. <https://acervo.socioambiental.org/acervo/livros/organizacao-social-dos-tupinamba> (27.04.2025).

Jorge, Marcos

- 1566 *Doctrina cristã ordenada a maneira de dialogo, pera ensinar os meninos, pelo Padre Marcos Jorge da Cõpanhia de IESV, doutor em Theologia. Impresso cõ priuilegio, & por mandado do Serenissimo Cardeal Iffate*. Lisboa: Casa de Frâncisco Correa, & Co.

Kelly, Kathleen Coyne

- 2000 *Performing virginity and testing chastity in the Middle ages*. London: Routledge. https://api.pageplace.de/preview/DT0400.9781134737567_A25027487/preview-9781134737567_A25027487.pdf (27.04.2025).

Leite, Serafim

1938-1950 *História da Companhia de Jesus no Brasil*, 10 volumes. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro.

1956 *Monumenta Brasiliae*. Vol. 1. Roma: Monumenta Historica Societatis Iesu. <https://archive.org/details/monumentabrasili03leit> (27.04.2025).

Monserrat, Ruth e Cândida Barros

2020 “Hipóteses sobre a origem e forma de transmissão das orações tupi de André Thevet (1575/1586): o caso de Le Simbole des Apostres”. Em *França Antártica. Estudos Interdisciplinares*, organizado por Maria Berbara, Renato Menezes e Sheila Hue, 153-182. Campinas: Editora da Unicamp.

Monzón, Cristina

2025 “La Salve Regina del franciscano fray Maturino Gilbeforti (siglo XVI): traducción a la lengua tarasca del nombre de Santa María y sus atributos”. *Indiana* 42, n.º 2: 139-155. <https://doi.org/10.18441/ind.v42i2.139-155>

Muller Jean-Claude, Wolf Dietrich, Ruth Monserrat, Cândida Barros, Karl-Heinz Arenz y Gabriel Prudente, orgs.

2019 *Dicionário da língua geral amazônica*. Belém/Postdam: Museu Emílio Goeldi/Universität Postdam. <https://archive.org/details/muller-2018-dicionario-de-lga> (19.12.2025).

Parzinger, Severin

2025a “Virgen María, Madre de Dios: Introducción a las características principales de la reflexión teológica sobre María, con especial atención al estado de los debates en los siglos XVI a XVIII”. *Indiana* 42, n.º 2: 15-37. <https://doi.org/10.18441/ind.v42i2.15-37>

2025b “La Virgen Santa María en la lengua chiquitana: Análisis de la traducción de algunas características marianas en rezos chiquitanos”. *Indiana* 42, n.º 2: 113-138. <https://doi.org/10.18441/ind.v42i2.113-138>

Ruiz de Montoya, Antonio

1640 *Catecismo de la lengua guarani*, compuesto por el padre Antonio Ruiz dela Compañia de Jesus. Madrid: Por Diego Diaz de la Carrera. <https://archive.org/details/catecismodelalen00ruiz> (27.04.2025).

Sarion, Roxana

2025 “Neologismos y negación: la representación de la Virgen María en lengua cumanaagota (Venezuela, siglos XVII-XVIII)”. *Indiana* 42, n.º 2: 87-197. <https://doi.org/10.18441/ind.v42i2.87-197>

Sousa, Gabriel Soares de

[1938] 1587 *Tratado descriptivo do Brasil em 1587*, edição corrigida e notas de Francisco Adolfo de Varnhagen, Terceira edição. São Paulo: Companhia Editôra Nacional.

Thevet, André

1575 *La Cosmographie Vniverselle d'Andre Thevet cosmographe du Roy. Illustree de Diverses figures des choses plus remarquables veüe par l'Auteur, & incogneüs de noz Anciens & Modernes*. Paris: Chez Guillaume Chandiere ... https://archive.org/details/cihm_40485 (19.12.2025)

1586 *Le grand insulaire, et pilotage d'Andre Thevet*. Angoumois, cosmographe du Roy, dans lequel sont contenus plusieurs plants d'isles habitées, et deshahitée, et description d'icelles. Dois tomos. Paris: BN Richelieu. <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b9065835g/> (19.12.2025)